

Bebê brasileiro é produto de exportação ilegal

Passaportes e até certidões de nascimento, praticamente falsas são "arranjadas" todos os dias em cartórios e maternidades, por quaisquer especialistas no tráfico de uma mercadoria delicada, mas pouco valorizada: são os bebês recém-nascidos — de preferência os louros, de olhos azuis, comuns no sul do País — que têm sido vendidos ao preço médio de US\$ 3 mil ou US\$ 5 mil (cada vez, a US\$ 15 mil) — aos candidatos estrangeiros a pais adotivos.

Essentias das fachadas de autoridades ilustríssimas ou mesmo no imenso de avogados especializados em adoção, as quais funcionam com eficiência e permanecem em atividade, durante anos, visando especialmente as casais mais solteiros ou as famílias de baixa renda, sem condições de criar um filho.

As estatísticas oficiais da Polícia Federal registraram, de outubro de 84 para cá, a adoção de 339 crianças brasileiras por casais estrangeiros. Mas os números estão longe de refletir a verdadeira realidade comunitária de bebês brasileiros, que já chegam a mais de mil crianças exportadas, considerando-se que os maiores desvios só agem no sul do País. Um exemplo típico é o da cidade de Itajaí, em Santa Catarina: enquanto a Polícia Federal aponta a adoção de 163 crianças, nos últimos 18 meses — baseado-se em números oficiais —, sabe-se que apenas no mês passado, em função de um processo que já envolve 55 pessoas, foram encotradas, numa única carta de registro, 23 crianças em processo de adoção ilegal. Um relatório da polícia, datado de 1984, diz que somente em Israel, vivem 700 mazinhos e mazinhas provenientes do Brasil.

No Distrito Federal, o Juiz de Mérito Níveo Gonçalves Gonçalves suspendeu recentemente todos os processos de adoção de crianças por estrangeiros, instaurando com a revogação de vários outros em instâncias superiores. Ele descreve que as adoções estavam sendo realizadas da maneira irregular e até imaginava a possibilidade de que crianças brasileiras saíssem de País clandestinamente. Para isso, o Juiz vê nos mazinhos um indício revelador: até o ano passado, eram legalmente adotadas por estrangeiros as crianças de 30 cidades nascidas em Brasília, por

mais. Esse ano, a cifra caiu praticamente a zero.

A própria Polícia Federal reconhece que é muito difícil impedir o tráfico de crianças pelas fronteiras terrestres do País, pois qualquer um, sem passaporte, pode passar a Argentina, Paraguai, Uruguai, Peru ou Bolívia, sem qualquer dificuldade. Além disso, há duas fraudes muito frequentes, segundo as autoridades. Uma delas é a corrupção nas maternidades, que em troca de dinheiro concedem atestados, transformando mazinhos adotáveis em verdadeiros; outra é a corrupção nas cartórios que, também por dinheiro, passaram a realizar processos de adoção simples — que só são permitidos para brasileiros — por estrangeiros interessados.

Em Porto Alegre, a supervisora técnica da equipe de colocação familiar do Juizado de Menores, Arlécia de Faria, vê problemas graves na "obrigação da adoção". Os trâmites são tantos, que um processo de adoção pode demorar um ano para concretizar-se, levando os casais estrangeiros a preferirem os métodos clandestinos.

A burocracia, porém, está longe de ser problema mais grave no capítulo da adoção ilegal. Em São Paulo, o diretor-substituto da Maternidade Odete Valadars, Carlos Dalton Machado, diz que, além do processo lento e da legislação desfida, enfrenta-se a falta de estrutura policial para situar no combate ao que chama de "adoção pirata". Em 1984, Machado solicitou permanentemente ao portaria da maternidade à Policia Militar de Milas Gerais. A PM, porém, negou-lhe a atendendo, alegando insuficiência de quadros.

Outro sério problema, segundo o diretor da maternidade, é a própria condição econômica e social das mães que, muitas vezes não dão conta de养育其子, preferem dar um trunco de leite e abandonar. Dos 300 bebês nascidos em 1984, aproximadamente na Maternidade Odete Valadars, 90% eram filhos de mães solteiros, que chegavam em relações sexuais fortuitas. Nesse contexto, segundo Machado, "as mães já chegam à maternidade dispostas a entregar o filho, seja porque o pai não assumiu, seja porque a evô já não pode ajudar a criá-lo, especialmente quando é o segundo".

Em São Paulo, o tráfico impune

PONTO ALEGRE — O Juizado de Menores de Rio Grande do Sul tem 40 crianças à espera de pais, mas ninguém aparece para adotá-las: algumas são negras, outras mestiças e muitas têm mais de cinco anos de idade. A única exceção é um menino loiro e sadio, mas ele já tem quatro anos e a maioria dos candidatos preferem os bebês de zero a seis meses de idade.

No ano passado, o Juizado gaúcho suspeitou a adoção de 96 crianças provenientes estrangeiros. Este ano, a fila já conta com 35 casais, mas a maioria exige bebês não apenas sadios, mas também de cor branca e olhos azuis ou verdes. Os pretilhos ou grilos, assim como os portadores de deficiência física, são sempre rejeitados. A supervisora técnica de colocação familiar, Arlécia de Faria, lembra que os mais crescidos também estão condondados ao esquecimento. E a assistente social Marlene Pretto revela que 90% dos casais estrangeiros preferem as crianças do sexo feminino.

No ano passado, o Juizado gaúcho suspeitou a adoção de 96 crianças provenientes estrangeiros. Este ano, a fila já conta com 35 casais, mas a maioria exige bebês não apenas sadios, mas também de cor branca e olhos azuis ou verdes. Os pretilhos ou grilos, assim como os portadores de deficiência física, são sempre rejeitados. A supervisora técnica de colocação familiar, Arlécia de Faria, lembra que os mais crescidos também estão condondados ao esquecimento. E a assistente social Marlene Pretto revela que 90% dos casais estrangeiros preferem as crianças do sexo feminino.

O inquérito aberto em junho de 1984 pela Delegacia de Ordem Política e Social (Dops) da Polícia Federal já fechou 24 vezes à Justiça e, às vezes o Juiz Silval Antunes de Souza o devolveu por falta de provas. Apesar disso, três pessoas foram indiciadas: Madelaine Bell Baroni, 46 anos, dona alta, negra, que se apresentou com diversos nomes; Cecília da Silva Souza, 22 anos, responsável pelo aluguelamento das mães; e Celeste Krohmalik, 35 anos, sua cumplice.

CURITIBA — As investigações sobre o sequestro de um bebê de apenas dois dias, em 1983, levaram a polícia paranaense a descolar a mais bem montada quadrilha especializada no comércio de crianças para o exterior. Um intrincado processo, que levou dezenas de bebês brasileiros principalmente para Israel, era articulado por uma falsa advogada, Arlete Hilou, que tinha trânsito fácil no Juizado de Menores, onde era tratada respeitosamente como "Deuter".

O Juiz Alecs Ricci cansou-se de nomear a "Deuter Hilou" como Procuradora do órgão nos processos de adoção para casais estrangeiros, sem saber que a organização de Arlete tinha contatos até com hotéis de Curitiba, onde mantinha até 20 casais suspeitos à espera de crianças.

Reis cálculos do investigador Inácio Paes Leme, da Delegacia de Ordem Social, mais de 1.000 bebês saíram de Curitiba a partir de 1982, ao preço unitário de US\$ 3 mil, no mínimo, e até de US\$ 15 mil, quando os policiais começaram a apertar o cerco.

Além disso, ao longo do processo, a Polícia Federal registrou duas séries instrutórias: a primeira dava conta de que os bebês ainda seriam negociados em Israel; a segunda, de que as crianças brasileiras desejavam-se a institutos de pesquisa ou à construção de usinas de frenagem contra os vírus árabes, heitos a Israel.

Na rede montada por Arlete Hilou, foi a "atuação" da família Reimert — Waldemar e a irmã



No caso de um traficante em Florianópolis, enfermeiros resgataram 20 recém-nascidos que seriam "exportados"

US\$ 1,5 milhão com a venda de 500 crianças

FLORIANÓPOLIS — Pode chegar a US\$ 1 milhão e \$10 mil o bebe líquido, que é uma quadrilha de advogados, que, utilizando a fachada de entidades ilustríssimas — a "Associação de Adoção e Assistência em Maternidade de Carente" — realizava o tráfico de bebês brasileiros para o exterior. Estima-se que mais de 500 crianças tenham sido exportadas.

O advogado Carlos Gereber Pereira — que tinha um berçário completo e sofisticado instalado em sua própria casa — faria negócios principalmene com Israel, onde o processo de adoção de crianças é muito complicado. 36 Zelilton Gereber e Edson Sales — que eram casais sem clínicas maternas, mas velhas e bem-vindas com suas filhas — eram os pais adotivos. Era todo tipo de quadro.

O advogado Carlos Gereber Pereira — que tinha um berçário completo e sofisticado instalado em sua própria casa — faria negócios principalmene com Israel, onde o processo de adoção de crianças é muito complicado. 36 Zelilton Gereber e Edson Sales — que eram casais sem clínicas maternas, mas velhas e bem-vindas com suas filhas — eram os pais adotivos. Era todo tipo de quadro.

Segundo Delegado Alcione Santanna, que conduz as investigações em Itajaí, a trama envolvia pelo menos 30 pessoas, em todo o Estado. Os estrangeiros pagavam US\$ 5 mil por criança, dos quais os mazinhos deviam receberem opênsus US\$ 1 mil. O resto financeiro a parte e toda a assistência médica os menores, que eram exigidos, pelos casais estran-

geiros, em perfeitas condições de saúde. Para isso, a quadrilha destinava os mazinhos brasileiros às maternidades Chiquitinha, e ainda mantinha, em seus próprios berçários, serviço completo para exames laboratoriais e até raio X do torax, para pesquisar sobre a qualidade da formação óssea dos bebês. No dia do flagrante, a polícia encontrou nos berçários da falsa associação 20 crianças recém-nascidas, prontas para serem entregues aos pais adotivos. Eravam todas brancas, por exigência da clientela estrangeira.

O Delegado Santanna — que conduz um inquérito com mais de 10 mil páginas — diz que a organização das grandes grupos envolvidos com o tráfico de bebês "é praticamente perfeita".

Segundo ele, a Polícia Federal de Florianópolis já tem notícia da existência de mais chaco e seis quadrilinhas do mesmo tipo situando no Estado.

Os pais de Santa Catarina chegam a quadrilhas no último dia 11 de junho, quando a Promotoria Pública do bairinho de Camboriú recebeu a denúncia de Maria Wanderlina dos Santos: filha de Leônidas, Leônidas Santos, estava sendo coagida a deixar seu bebê, que estava para nascer no Hospital Maternidade Chiquitinha Gereber, em Itajaí.

Segundo Delegado Santanna — que conduz um inquérito com mais de 10 mil páginas — diz que a organização das grandes grupos envolvidos com o tráfico de bebês "é praticamente perfeita".

Segundo ele, a Polícia Federal de Florianópolis já tem notícia da existência de mais chaco e seis quadrilinhas do mesmo tipo situando no Estado.

Na semana passada, o belga Jacques Ilmoni levou para seu país a menina Milena, de oito meses, portadora de hidrocefalia, que havia sido abandonada pela mãe no município de Simões Filho, na região metropolitana de Salvador, e Jacques tinha como ogivo duas outras crianças, um menino e uma menina, mas preferiu adotar Milena, donna, com a promessa de trá-la, mais tarde, para adotar.

Casais italiano adotaram 60 por cento dessas 400 crianças, mas também houve crianças nascidas em Salvador sendo criadas por pais adotivos na França, em Luxemburgo, na Alemanha, na Bélgica e na Holanda. Periodicamente, alguns desses pais mandam ao Juizado de Menores fotos e notícias das suas filhos.

Nazaré sofre ameaça de morte

SÃO PAULO — A paribahana Nazaré Coimbra de Lima, 29 anos, estava no sexto mês de gestação quando foi abordada por uma mulher alta, magra, loura, que se apresentou como Brônica e disse que conhecia um casal muito rico que estava disposto a adotar seu filho. Nazaré era empregada doméstica, solteira, e aceiou por acidente a proposta.

Na ottava mês de gravidez, foi removida para o hospital Santa Madalena e internada em quarto particular, sem que ela precisasse apresentar qualquer documento.

Instalada no quarto, Nazaré passou a sofrer pressões para se submeter a uma cesariana. Diante da recusa de precipitar o parto, foi transferida para outro hospital onde, depois, deu à luz um menino que nunca chegou a ver. Dias depois, teve alta, foi obrigada por Brônica a assinar um papel em branco e ameaçada de morte caso tentasse resver a criança.

★★★

Belga opta por uma baiana doente

SALVADOR — Estão enganados os que pensam que os estrangeiros que adotam crianças brasileiras preferem as louras, de olhos claros, nascidas no Sul do País. As estatísticas mostram que é de Salvador a maioria das crianças "exportadas", legal ou ilegalmente.

No semestre passado, o belga Jacques Ilmoni levou para seu país a menina Milena, de oito meses, portadora de hidrocefalia, que havia sido abandonada pela mãe no município de Simões Filho, na região metropolitana de Salvador, Jacques tinha como ogivo duas outras crianças, um menino e uma menina, mas preferiu adotar Milena, donna, com a promessa de trá-la, mais tarde, para adotar.

Casais italiano adotaram 60 por cento dessas 400 crianças, mas também houve crianças nascidas em Salvador sendo criadas por pais adotivos na França, em Luxemburgo, na Alemanha, na Bélgica e na Holanda. Periodicamente, alguns desses pais mandam ao Juizado de Menores fotos e notícias das suas filhos.

★★★

A polícia de Curitiba levou quase um mês para localizar Fabrício e, por trás do sequestro ocorrido no Hospital Padre Anchieta, em novembro de 1983, covençou um crime que emocionou o Brasil.

Maria Lucy Kostim levou rapido o filho de Elizabeth Lachow Cook para convalescer a pé de seu próprio filho, pouco tempo antes do parto prematuro. Maria Lucy temia perder o amor do companheiro, que já era de trás dos ombros do ororim casamento.

★★★

Um sequestro, dois processos

BRASÍLIA — O rapto do bebê Pedro Brás Pinto, o Pedrinho, no dia 21 de janeiro, num dos quartos da Maternidade Santa Lúcia — quando tinha apenas 13 horas de vida — motivou a abertura, na Justiça, de dois processos bem originais: num deles, o pais da criança, os funcionários públicos Maria Auxiliadora e Jairo Tapajós, pedem uma indemnização de Cr\$ 1 milhão à casa de saúde, baseados nos rendimentos que o filho teve em sua futura vida produtiva.

No segundo processo, os pais de Pedrinho pedem o ressarcimento do menino Alexandre Robert Lane, adotado no Rio pelo casal Shirley e Peter Robert Lane, como sendo o herdeiro raptado.

Os pais adotivos de Alexandre alegam que ele é filho de Nadir Ross Zebrini e teria nascido num hospital do município de Medianeira, no Paraná, também em janeiro desse ano. A mãe adotiva, Shirley, brasileira casada com um norte-americano, declarou que comprou o bebê pelo som de Cr\$ 3 mil.

Mas o advogado dos pais de Pedrinho, Alcides Farías, já esteve em Medianeira e trouxe detalhes ao minimo intrincante: Teó, Avi, serviu de intermediário para a negociação de bebês abandonados, conformando demorados trâmites burocráticos.

★★★

A doméstica Sônia Maria Simplício ficou apenas algumas horas com seu filho, na maternidade do Hospital das Clínicas em Belo Horizonte, no dia 17 de dezembro de 1984. Grávida de uma criança sem nome — "Ele era caçado e sumiu" —, Sônia viveu nove meses de gestação com uma grande dúvida:

— Não sabia o que fazer com o menino.

Um dia, apareceu a primeira candidata: um parente da Sônia conseguiu uma mulher para adotar o bebê, desde que nesse mesmo dia. Na madrugada de 17 de dezembro, porém, Sônia deu à luz um menino de quatro quilos. A primeira candidata não quis a criança do sexo masculino, mas prometeu que encontraria outra.

★★★



Zelilton Gereber e Edson Sales: traficantes de Santa Catarina

Casal americano é ludibriado pela quadrilha

FLORIANÓPOLIS — No mesmo dia em que a polícia desbarcou uma quadrilha de traficantes de bebês, em Itajaí, o casal norte-americano Connie e Floyd Eckstrom apresentou-se na delegacia, para contar que havia pago US\$ 5 mil por bebê.

Em Los Angeles, na Califórnia, Connie e Floyd haviam ficado por mais de dois anos na lista de espera de uma agência chamada Adoções Ilimitadas, e não sabiam que estavam cometendo uma irregularida-

de. O pagamento havia sido feito no dia 16 de junho, quando foram entregues os documentos da adoção, no Rio de Janeiro, mas no dia 11 apareceu a notícia sobre a quadrilha em todos os jornais.

Connie, que já estava com a criança proveniente de Santa Catarina, resolveu viajar para Florianópolis e esclarecer a situação. Ela chegou muco e acabou conseguindo mobilizar as autoridades ate encontrar uma solução. Primeiro, obteve a

guarda preliminar do bebê. Em seguida, encontrou a mãe verdadeira, que cedeu o filho voluntariamente, completando a adoção legal da criança.

A mesma sorte não teve Maria Teresinha Regalo, de 21 anos, cuja filha foi vendida a um casal israelense. Ela deu à luz na clinica particular do médico ginecologista José Roberto Spadol, em Tijucas, e alega que a menina desapareceu. Está processando o médico e exige sua liberação de volta.

Para Israel, os descendentes de alemães



Arlete Hilou, a falsa advogada

Florianópolis resgata cinco bebês. Mais 1.500 "exportados" desde 1982

Em apenas quatro meses, no inicio de 1985, a polícia localizou 18 bebês em casas de pessoas de baixo poder aquisitivo, que eram contratadas para quadrilhas para cuidar dos menores até a entrega a seus pais adotivos. A repescagem das desmatadas, porém, levou a quadrilhas a desvendar sua situação, passando a procurar crianças em centros como o Rio de Janeiro, e a utilizar outras modalidades de adoção, algumas violentas. Além desses processos sobre os mazinhos, que se estendem após o parto, houve casos de rapto de bebês. E Arlete, sentindo que a fiscalização era muito rígida, começou a sair dos trâmites normais de adoção, apelando para o registro das crianças como filhos naturais dos estrangeiros interessados, em cartórios de cidades vizinhas.

Em apreensão a unidade com que casais israelenses somam filhos acompanham as informações sobre a disponibilidade de crianças em outros países e o seu esforço, com maior distância e despesas, para conseguir um filho adotivo.

O comércio de bebês — que gerou sete inquéritos na Delegacia de Ordem Social, indicando 50 pessoas — diminuiu em março desse ano, com a decretação do prazo preventivo de 60 dias de 45,000.

Foi assim que elas começaram a viver a vida de Sul do Brasil, guilhadas por notícias, passadas de boca em boca, sobre a existência de intermediários que, mediante uma remuneração em dólares, se prestavam a facilitar a adoção de crianças abandonadas, conformando demorados trâmites burocráticos.

Até aquí só pôde ser provado a suspeita de que certas agências de viagem de Tel Aviv serviam de intermediários para a negociação de bebês. Mas é inegável que essas crianças, uma vez trazidas para cá, são tratadas com extrema dureza e crueldade, conforme denunciaram os candidatos aos "fornecedores" no exterior.

Um alto funcionário do Ministério de Assistência Social de Israel que investiga as implicações legais da adoção de crianças no Brasil levou ao air informado de rumores segundo os quais as crianças que saem de Israel são destinadas a servir

'cobias em pesquisas científicas ou concentradas na formação de soldados de exercícios israelenses.'

Isso explicaria a ansiedade com que casais israelenses somam filhos acompanham as informações sobre a disponibilidade de crianças em outros países e o seu esforço, com maior distância e despesas, para conseguir um filho adotivo.

Um alto funcionário do Ministério de Assistência Social de Israel que investiga as implicações legais da adoção de crianças no Brasil levou ao air informado de rumores segundo os quais as crianças que saem de Israel são destinadas a servir



Polícia do Paraná resgata cinco bebês. Mais 1.500 "exportados" desde 1982

Para Israel, os descendentes de alemães

Israel é um País que se caracteriza pela veneração pela criança, e, portanto, os extremos cuidados que as instituições governamentais e a população dedicam à educação e ao império à infância. Para casais que só podem ter filhos — em Israel eles representam 12 por cento das famílias — este fato cria um desconforto de lado, a frustração de não poder igualar-se, a melhoria dos casais; por outro, a impossibilidade de encontrar em seu próprio País crianças disponíveis para adoção, que é em Israel não existe o problema da infância aberta.

Além disso, ao longo do processo,

é comum que elas comecearem a viver a vida de Sul do Brasil, guilhadas por notícias, passadas de boca em boca, sobre a existência de intermediários que, mediante uma remuneração em dólares, se prestavam a facilitar a adoção de crianças abandonadas, conformando demorados trâmites burocráticos.

Até aquí só pôde ser provado a suspeita de que certas agências de viagem de Tel Aviv serviam de intermediários para a negociação de bebês. Mas é inegável que essas crianças, uma vez trazidas para cá, são tratadas com extrema dureza e crueldade, conforme denunciaram os candidatos aos "fornecedores" no exterior.

Uma alta funcionária do Ministério de Assistência Social de Israel que investiga as implicações legais da adoção de crianças no Brasil levou ao air informado de rumores segundo os quais as crianças que saem de Israel são destinadas a servir

'cobias em pesquisas científicas ou concentradas na formação de soldados de exercícios israelenses.'

Isso explicaria a ansiedade com que casais israelenses somam filhos acompanham as informações sobre a disponibilidade de crianças em outros países e o seu esforço, com maior distância e despesas, para conseguir um filho adotivo.

Um alto funcionário do Ministério de Assistência Social de Israel que investiga as implicações legais da adoção de crianças no Brasil levou ao air informado de rumores segundo os quais as crianças que saem de Israel são destinadas a servir

'cobias em pesquisas científicas ou concentradas na formação de soldados de exercícios israelenses.'

Isso explicaria a ansiedade com que casais israelenses somam filhos acompanham as informações sobre a disponibilidade de crianças em outros países e o seu esforço, com maior distância e despesas, para conseguir um filho adotivo.

Um alto funcionário do Ministério de Assistência Social de Israel que investiga as implicações legais da adoção de crianças no Brasil levou ao air informado de rumores segundo os quais as crianças que saem de Israel são destinadas a servir

'cobias em pesquisas científicas ou concentradas na formação de soldados de exercícios israelenses.'

Isso explicaria a ansiedade com que casais israelenses somam filhos acompanham as informações sobre a disponibilidade de crianças em outros países e o seu esforço, com maior distância e despesas, para conseguir um filho adotivo.

Um alto funcionário do Ministério de Assistência Social de Israel que investiga as implicações legais da adoção de crianças no Brasil levou ao air informado de rumores segundo os quais as crianças que saem de Israel são destinadas a servir

'cobias em pesquisas científicas ou concentradas na formação de soldados de exercícios israelenses.'

Isso explicaria a ansiedade com que casais israelenses somam filhos acompanham as informações sobre a disponibilidade de crianças em outros países e o seu esforço, com maior distância e despesas, para conseguir um filho adotivo.

Um alto funcionário do Ministério de Assistência Social de Israel que investiga as implicações legais da adoção de crianças no Brasil levou ao air informado de rumores segundo os quais as crianças que saem de Israel são destinadas a servir

'cobias em pesquisas científicas ou concentradas na formação de soldados de exercícios israelenses.'

Isso explicaria a ansiedade com que casais israelenses somam filhos acompanham as informações sobre a disponibilidade de crianças em outros países e o seu esforço, com maior distância e despesas, para conseguir um filho adotivo.

Um alto funcionário do Ministério de Assistência Social de Israel que investiga as implicações legais da adoção de crianças no Brasil levou ao air informado de rumores segundo os quais as crianças que saem de Israel são destinadas a servir

'cobias em pesquisas científicas ou concentradas na formação de soldados de exercícios israelenses.'

Isso explicaria a ansiedade com que casais israelenses somam filhos acompanham as informações sobre a disponibilidade de crianças em outros países e o seu esforço, com maior distância e despesas, para conseguir um filho adotivo.

Um alto funcionário do Ministério de Assistência Social de Israel que investiga as implicações legais da adoção de crianças no Brasil levou ao air informado de rumores segundo os quais as crianças que saem de Israel são destinadas a servir

'cobias em pesquisas científicas ou concentradas na formação de soldados de exercícios israelenses.'

Isso explicaria a ansiedade com que casais israelenses somam filhos acompanham as informações sobre a disponibilidade de crianças em outros países e o seu esforço, com maior distância e despesas, para conseguir um filho adotivo.

Um alto funcionário do Ministério de Assistência Social de Israel que investiga as implicações legais da adoção de crianças no Brasil levou ao air informado de rumores segundo os quais as crianças que saem de Israel são destinadas a servir

'cobias em pesquisas científicas ou concentradas na formação de soldados de exercícios israelenses.'

Isso explicaria a ansiedade com que casais israelenses somam filhos acompanham as informações sobre a disponibilidade de crianças em outros países e o seu esforço, com maior distância e despesas, para conseguir um filho adotivo.

Um alto funcionário do Ministério de Assistência Social de Israel que investiga as implicações legais da adoção de crianças no Brasil levou ao air informado de rumores segundo os quais as crianças que saem de Israel são destinadas a servir

'cobias em pesquisas científicas ou concentradas na formação de soldados de exercícios israelenses.'

Isso explicaria a ansiedade com que casais israelenses somam